

Formação transversal na área dos Processos de Criação: práticas educacionais entrelaçadas

Uma conversa sobre a nova Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve, em parceria com o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP

Entrevistadora: Patrícia Dourado¹

Entrevistadas: Ana Clara Santos², Ana Isabel Soares³, Mirian Tavares⁴ e Cecília Salles⁵

1 Patrícia Dourado é Investigadora de Pós-Doutorado no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) e Professora Convidada da Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve. É Editora e Investigadora Responsável pela [Coleção Processo de Criação](#) e Editora de Seção da Rotura — Revista de Comunicação, Cultura e Artes das Edições CIAC. É também Membro do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, tendo feito doutorado e mestrado no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com Doutorado Sanduíche no CIAC/Universidade do Algarve. Estuda os processos de criação em geral e do cinema em específico, com foco nas práticas de roteiro do cinema. E-mail: apdourado@ualg.pt.

2 Ana Clara Santos é Professora Associada na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais na Universidade do Algarve, onde atualmente é Diretora da [Pós-Graduação em Processos de Criação](#) daquela instituição. Doutorada em Literatura Francesa na Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3 (1996), é membro efetivo do Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, foi membro fundador e presidente da Associação Portuguesa de Estudos Franceses (prémio Hervé Deluen da Academia Francesa em 2014) na qual é, atualmente, presidente honorário e codirige a SIHFLES (Paris). Dirige a revista Synergies Portugal, a coleção de teatro «Entr'acte: études de théâtre et de performance» e codirige, na mesma editora (Le Manuscrit, Paris), a coleção «Exotopies» da APEF. Possui uma vasta obra publicada a nível nacional e internacional nos seguintes domínios de investigação: genética teatral, recepção e tradução da literatura e dramaturgia francesas, história do espetáculo português (século XIX), história do ensino do francês em Portugal. E-mail: avsantos@ualg.pt.

3 Ana Isabel Soares é Professora Auxiliar na Universidade do Algarve, onde leciona desde 1996 e ali dirige, desde 2021, o Departamento de Artes e Humanidades. Fez doutorado em Teoria da Literatura na Faculdade de Letras de Lisboa (2003) e pós-doutorado no mesmo programa, sobre cinema português e poesia (2009). Integrou a equipe inicial do Plano Nacional de Cinema no Ministério da Educação e Ciência (2011–2012). Foi um dos fundadores e primeira presidente da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento (2010–2014) e é membro do seu Conselho Consultivo. É Membro Integrado do CIAC. Tem várias publicações de sua autoria sobre cinema e poesia portuguesa e traduções para língua portuguesa de poesia, romance e teoria fílmica e literária. Colabora regularmente com crônicas e críticas nas revistas [Algarve Informativo](#), [Almanaque](#) e [Umbigo Online](#). E-mail: asoares@ualg.pt.

4 Mirian Tavares é Professora Associada da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve (UALg) e Coordenadora do [Centro de Investigação em Artes e Comunicação \(CIAC\)](#). Assume ainda o cargo de Diretora do Doutoramento em Média-Arte Digital, lecionado em parceria entre a UALg e a Universidade Aberta. No plano internacional, assume a vice-presidência da Associação Internacional de Arte Computacional — ARTECH-Int, que articula com outras funções de relevo a nível nacional. É Membro da equipa de curadores da Rede Portuguesa de Arte Contemporânea e Diretora da Rotura — Revista de Comunicação, Cultura e Artes. É doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pela Universidade Federal da Bahia e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: mtavares@ualg.pt.

5 Cecília Salles é Professora Titular dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica e de Literatura e Crítica Literária da PUC/SP. Coordenadora do [Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP](#). Fez doutorado e mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). É autora dos livros Gesto inacabado: processo de criação artística (1998), Crítica genética (2008), Redes da criação: construção da obra de arte (2006), Arquivos de criação: arte e curadoria (2010) e Processos de criação em grupo: diálogos (2017). E-mail: cecilia.salles@gmail.com.

Resumo

Entrevista realizada por Patrícia Dourado, em janeiro de 2023, às professoras Ana Clara Santos, Ana Isabel Soares, Mirian Tavares & Cecília Salles, sobre a nova Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve, em parceria com o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP.

Palavras-chave: Processos de criação. Práticas educacionais. Criação em grupo.

Abstract

Interview conducted by Patrícia Dourado, in January 2023, with professors Ana Clara Santos, Ana Isabel Soares, Mirian Tavares & Cecília Salles, about the new Postgraduate Course in Creative Processes at the University of Algarve, in partnership with the Research Group on Creation Processes at PUC-SP.

Keywords: Creation processes. Educational practices. Creation in groups.

Se perguntarmos pela gênese de cada sujeito, obra, nação — ou o que quer que seja — temos lá um laço (uma dobra, um nó; nós), caminhos entre/laçados que foram capazes de gerar algo. Em uma formação acadêmica no campo dos processos de criação, isso é ainda mais notório, e passou a ser, intencionalmente, um dos nossos princípios direcionadores, motor consciente de construção, e de continuação futura: buscar o caminho do entre, não só em suas teorias, mas também em suas práticas de educação.

O plano de estudos do programa de Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve tem sido a síntese prática dessa busca, e estão, entre os laços que o geraram e o alimentam, muitas mãos, de campos artísticos, teóricos e institucionais diferentes, especialmente, de dois países, Portugal e Brasil, com uma longa história conhecida de caminhos entrelaçados.

Esta entrevista com a diretora do programa, Ana Clara Santos; a vice-diretora, Ana Isabel Soares; e as professoras Mirian Tavares e Cecilia Sales, realizada por Patrícia Dourado, conta um pouco dessa formação, dos laços sob os quais se construiu e o que se pode esperar em suas dobras futuras.

As perguntas de 1 a 4 foram feitas especificamente a cada uma das entrevistadas e são estimuladas por facetas singulares que cada uma agrega ao projeto; as perguntas 5 e 6 foram realizadas igualmente a todas, de modo a revelar a busca, inerente a essa formação, por matrizes, ao mesmo tempo, gerais e específicas. Essa escolha, no âmbito da forma, se dá de modo a oferecer ao leitor um pouco do que é experimentado nas práticas artísticas, educacionais e de investigação dessa Pós-Graduação nascente, já autorizada pela A3ES de Portugal para funcionar também como Mestrado pelos próximos seis anos.

1. Patrícia Dourado (P. D.): A nova formação em Processos de Criação da Universidade do Algarve surge de um encontro especial entre professores, investigadores e artistas de diferentes áreas de atuação de Portugal e do Brasil, reunidos sob o olhar transversal dos Processos de Criação. Poderia comentar um pouco sobre esse encontro?

Ana Clara Santos (A. C. S.): As instituições e os cursos têm as suas histórias. É bom que se fale, por isso, da sua gênese. O curso nasce de uma colaboração prévia entre o Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve, dirigido por Mirian Tavares, e o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dirigido por Cecilia Salles. Essa colaboração intensificou-se, em 2019, com o início da colaboração para a criação de uma coleção de livros dedicada aos Processos de Criação, que vem dinamizar a investigação numa área ainda pouco conhecida em Portugal. Daí até à criação do Mestrado e da Pós-Graduação em Processos de Criação foi um passo, integrando-se no projeto um leque de professores e investigadores, em Portugal e no Brasil, com obra publicada na área e envolvidos em projetos científicos, alguns deles apoiados pelas instâncias europeias, como o Programa Europa Criativa. Nessas circunstâncias, podemos dizer que o projeto de formação

nasceu de uma vontade de unir sinergias além-fronteiras e de um desígnio de promover várias valências ao serviço do primeiro curso pós-graduado em sistema de B-Learning na área das Artes e das Humanidades no nosso Departamento (DAH — Departamentos de Artes e Humanidades) da Universidade do Algarve.

2. P. D. : A escolha por uma abordagem transversal dos Processos de Criação tem sido uma das apostas do plano de estudos do curso, e traz uma reflexão e proposta pedagógica inéditas na área. Quais são as principais implicações e desafios dessa abordagem?

Ana Isabel Soares (A. I. S.): A principal consequência de qualquer abordagem transversal é a aproximação a uma perspetiva não isolada, o mais abrangente possível das questões que vão sendo tratadas. Dou um exemplo concreto: a caracterização do movimento romântico nas artes (historicamente situado na transição entre os séculos XIX e XX) será sempre deficitária, pela distância histórica a que nos encontramos; um dos modos de atenuar essa distância, esse déficit de conhecimento, é a compreensão de fenômenos da época que passam não apenas pela arte (a literatura, a pintura, a escultura, a emergente fotografia), mas também pelo saber científico (a geografia, a arqueologia, a biologia, a emergente psicologia). Um estudo universitário quer-se universal. É uma ambição grande — mas é por aí que tem de se desejar conhecer.

3. P. D. : O fato de a sede da formação ficar na região do Algarve agrega algumas questões estratégicas e de confluência para a região e, também, para o campo dos Processos de Criação, que passa a ter a paisagem política e artística do Algarve como espaço das práticas e reflexões que cruzam a formação. Como a região do Algarve impacta e pode vir a ser impactada por esta escolha de sede?

Mirian Tavares (M. T.): O Algarve tem uma situação extracentro — diria mesmo, “periférica” — em relação aos circuitos artísticos. É uma situação que nos últimos anos, desde a criação da Licenciatura em Artes Visuais na Universidade do Algarve, tem vindo, tendencialmente, a mudar. Foram criadas novas Associações e atraiu-se mais artistas para o Algarve, além de ter aumentado a circulação e divulgação de exposições e de projetos artísticos. Assim, creio que a Pós-Graduação pode atuar como um campo para novas experimentações teóricas e práticas bem como a própria paisagem artística, e natural, pode contribuir para enriquecer os estudos dos processos de criação, num movimento de mão-dupla.

4. P. D. : A experiência de mais de trinta anos de atuação do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-São Paulo, parceiro da Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve, é uma das marcas da nova formação. Poderia comentar um pouco sobre a história do Grupo, e sobre algumas das possíveis implicações teóricas e metodológicas da parceria com a UAlg?

Cecilia Salles (C. S.): Para responder a esta pergunta, preciso antes fazer uma contextualização histórica do Grupo, cujo percurso é marcado por alguns momentos definidores de ampliação de rumos e expansão dos estudos. A partir da minha pesquisa sobre o processo de criação do livro *Não Verás País Nenhum* de Ignácio de Loyola Brandão, em 1993, o Grupo foi criado no contexto do

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-São Paulo, reunindo orientandos que tinham interesse em discutir os arquivos para além da Literatura, também nas Artes Visuais, no Cinema, nas Artes Cênicas, na Fotografia, na Curadoria, etc. As pesquisas sobre processos de criação sempre mostraram uma forte tendência em direção a estudos de caso. No entanto, a minha sala de aula, com interesses interdisciplinares, exigia que não me detivesse nas especificidades de um só autor ou artista. Começou assim a se delinear uma tendência no Grupo, a de buscar por aspectos gerais, com o objetivo de aproximar as singularidades dos nossos objetos de estudo. O Grupo vem, com isso, avançando em direção a uma generalização sobre os processos de criação, por meio de um mapeamento de princípios norteadores para uma possível teoria da criação, que venho chamando de crítica de processos criativos, uma teorização que foi desenvolvida ao longo do tempo, alimentada pelas singularidades das minhas pesquisas e das dos meus orientandos. Trata-se de uma reflexão sobre os processos de criação como redes em construção⁶. O Grupo continuou em processo de ampliação, na medida em que passei a lecionar também no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, nos levando a aproximações com estudos de processos de tradução, com reflexões sobre possíveis interações com as pesquisas em educação, não só formal, em seus níveis diversos, mas também não formal, das ofertas educativas de diferentes instituições culturais. Na proposta de refletir sobre o Grupo, devo dar destaque à interdisciplinaridade, também, no contexto teórico-metodológica, viabilizando um olhar para a criação de modo transversal, que lança luzes sobre as especificidades das diversas áreas nas quais os membros do Grupo atuam. A vocação do Grupo para a expansão acadêmica uniu-se, nestes últimos anos, às investigadoras da Universidade do Algarve, especialmente Ana Clara Santos, Ana Isabel Soares e Mirian Tavares, a quem agradeço por todas as trocas, para a criação de uma formação inédita e desafiadora, a Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve, com professores das duas instituições. Essa aproximação teve início com a bolsa de Doutorado Sanduíche da Patrícia Dourado, então aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, financiada pela CAPES, em 2019, no CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação) da Universidade do Algarve, com co-orientação da Mirian Tavares. Como consequência acadêmica deste intercâmbio, foi firmado, no mesmo ano, um Protocolo de Colaboração Científica entre o CIAC e o Grupo. Esse Protocolo já gerou, além da publicação de artigos em comum, também a publicação da Coleção Processos de Criação, com a presença de autores do Grupo⁷, também as bases para a criação da Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve, que iniciou a primeira turma em outubro de 2022. Não posso deixar de destacar (de modo enfático) a sua importância, Patrícia, neste percurso.

6 Ver SALLES, C. A. Processo de criação como práticas geradas por complexas redes em construção. *Scriptorium*. v. 7, n. 1, pp. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/42169>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

7 Ver: <https://processosdecriacao.ciac.pt/>

5. P. D. : Esta é uma experiência formativa nova para todos, professores e alunos. Quais as expectativas diante deste abraço de muitos artistas e especialistas a pensarem sobre os processos de criação?

A. C. S. : A Pós-Graduação/Mestrado em Processos de Criação é, na realidade, uma formação inédita no país e na Europa. Para o próximo ano letivo, o Mestrado em Processos de Criação já está acreditado por seis anos pela A3ES. Esta é uma aposta que vem fortalecer a oferta formativa do Departamento de Artes e Humanidades, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve, no domínio das Artes, e que pretende promover a formação humanística, cultural e artística dos alunos, através do conhecimento de instrumentos teóricos, analíticos e críticos conducentes à compreensão das práticas artísticas, literárias e culturais, do ponto de vista da gênese das obras artísticas e do estudo dos processos de criação. Esta nova formação, pela forma como está orquestrada, marca uma viragem na abordagem do fenómeno artístico no mundo académico, pelo menos em Portugal, ao estabelecer um diálogo profícuo entre artistas e estudiosos em torno dos processos de criação. Nesta primeira edição da Pós-Graduação, no ano letivo 2022-2023, a procura foi muito boa, com estudantes oriundos do Sul e do Norte do país, assim como do estrangeiro. A primeira prova de fogo está, portanto, superada, e as expectativas são altas para este novo projeto que se espera duradouro, frutífero e com impacto na comunidade.

A. I. S. : Acima de tudo, é precisamente esse abraçar da novidade. “Não sei” é o melhor dos pontos de partida filosóficos, dá o impulso de querer saber. De modo concreto, também, a expectativa é abrir na Europa um espaço de conhecimento e de reflexão acerca dos processos criativos (principalmente artísticos). Deste lado do mundo, os estudos desta área têm-se restringido ao campo da literatura (incluindo a lírica e o teatro), da crítica genética. Pretende alargar-se esse âmbito e perceber de que modo o processo, tanto ou até mais do que o resultado, constitui, verdadeiramente, a obra.

M. T. : A expectativa é imensa, tanto quanto o medo de errar. Estamos a ensaiar novos procedimentos, a misturar contextos e a provocar, da parte dos alunos/artistas, uma tomada de consciência do seu próprio processo, que nem sempre é evidente ou claro, para grande parte deles. Por outro lado, muitos de nós, professores, nem sempre conseguimos chegar de fato ao artista com uma linguagem mais académica. Precisamos encontrar o equilíbrio e ver o erro, como dizia Peirce, como parte do percurso para se encontrar a verdade, ou pelo menos, a verdade do curso que propomos.

C. S. : Como a disciplina Teorias da Criação Artística, que estou ministrando com a Mirian Tavares, já está em andamento, posso falar com certa segurança da grande importância de tomar processos de criação de modo transversal. Podemos assim discutir diferentes manifestações artísticas a partir de tal perspectiva e, ao mesmo tempo, agora fica claro que ter a experimentação contemporânea como nosso desafio teórico-crítico constante nos possibilitou dialogar com tal produção para além do Brasil.

6. P. D. : O ensino das artes tem sido um desafio pedagógico histórico em diferentes épocas. Na contemporaneidade, como uma formação voltada aos processos de criação pode contribuir para ampliar as discussões teóricas e práticas em torno do campo da relação artes & educação?

A. C. S. : Em Portugal, nas últimas décadas, tanto a nível do ensino básico e secundário como a nível do ensino superior, o ensino artístico tem vindo a afirmar-se cada vez mais no panorama educativo, alcançando um certo prestígio e reconhecimento. Mas é preciso fazer mais para a área crescer e ter impacto na sociedade civil e junto das estruturas culturais. É preciso dotar artistas, agentes culturais e investigadores de uma nova capacidade de interligar a teoria e a prática, nomeadamente ao nível da crítica genética, porque essa também é uma forma de fazer germinar novos públicos e novas sensibilidades em torno do gesto criador e da herança cultural. Esta consciência explica que os objetivos do curso sejam essencialmente voltados para a promoção de uma formação humanística, cultural e artística através do conhecimento de instrumentos teóricos, analíticos e críticos conducentes à compreensão das práticas artísticas, literárias e culturais de um ponto de vista da gênese das obras artísticas, do ponto de vista da investigação-ação. Nessa perspetiva, esta formação vem preencher essa lacuna, não só pelo vasto leque de abordagens que oferece no seu plano de estudos, mas também pelo seu carácter pluridisciplinar e inovador.

A. I. S. : O objetivo é pautar o conhecimento da arte por uma abordagem que não se limite ao aspecto final das obras: conhecer, sabendo como a História das Civilizações, por exemplo, ao mesmo tempo que a história, o fluir do tempo e o devir das obras, as constrói. Daí ser importante conhecer arquivos, depoimentos de artistas, de colaboradores muitas vezes anonimizados (veja-se a rede complexa que faz um filme de cinema, por exemplo — como se daria conta do contributo de cada profissão, de cada interveniente, sem conhecer o que no seu processo de criação existe de múltiplo, de polarizado?). A abordagem do processo de criação radica e implica naturalmente na abordagem dos processos do seu conhecimento e da sua teorização. A teoria da arte não é unívoca, assim como não são unívocos os trabalhos realizados em arte; então, há que aceitar essa complexidade, com todos os desafios que coloca. Dificilmente teremos esquemas estruturais ou formalistas capazes de dar conta dos fenómenos de um modo laboratorial; mas, precisamente, a realidade — e, claro, a realidade artística — é feita de caos, de cruzamentos, de dinamismos que contrariam o estático estruturalismo de uma ciência positivista, obviamente obsoleta no tempo em que vivemos.

M. T. : Vivemos numa era esquizofrénica — somos instados a ser criativos e autónomos, mas, logo de seguida, somos castrados quando alçamos voos mais ousados. Vivemos num universo de plataformas e de rankings que dificilmente se coadunam com o ensino artístico. Essa relação entre Artes e Ensino tem apresentado várias facetas ao longo do século XX e continua a ser tema de debates no século XXI. Desde a utilização do próprio método das artes como parte da metodologia do ensino tout court a um ensino mais formatado em que a arte ocupa um lugar às margens, não temos ainda respostas ou soluções definitivas. Mas, de fato, a arte é processual e a arte contemporânea existe enquanto movimento, torna-se difícil encontrar uma resposta fechada. O

caminho dos estudos dos processos de criação pode ser uma opção para trabalhar com a arte viva, que está a acontecer e que se transforma enquanto estamos a falar sobre ela. É uma maneira de compreender a arte e de usá-la como metodologia para compreender as próprias relações que são desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

C. S. : Essa questão tornou-se tão relevante que acabamos de produzir um artigo para este número da Revista Manuscrita, em conjunto com diferentes membros do Grupo. O título do artigo é “Práticas educacionais e estudo dos processos de criação no âmbito do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP: interações possíveis”, que nos mostrou o quanto o olhar para os processos de criação ainda tem a nos ensinar, instigar a conhecer e ensejar a criar.